

EDITORIAL

O presente e o futuro do passado religioso nos Estados Unidos

The present and future of the religious past in the United States

Daniel Rocha *
Alexandre Guilherme da Cruz Alves Junior **

Em 27 de junho de 2017 faleceu Peter L. Berger. O sociólogo austríaco, que desenvolveu sua carreira acadêmica nos Estados Unidos, tornou-se uma referência nos estudos sobre a religião na modernidade. Seus debates sobre a teoria da secularização causaram grande impacto nessa área de estudos a partir, especialmente, de sua obra mais conhecida: *O dossel sagrado* (1969). Nesse trabalho, Berger sustentou o que ele próprio entendia como uma posição ortodoxa na sociologia da época: a convicção de que quanto mais a modernidade avançasse, menos espaço a religião ocuparia no mundo contemporâneo. Tal postura foi sendo revisada ao longo dos anos e, em *A dessecularização do mundo* (1999), Berger chegou a admitir que estava errado em sua posição sobre a teoria da secularização: Os fatos empíricos – como a ascensão de movimentos religiosos politicamente engajados ao redor do mundo a partir do final da década de 1970 – contradiriam a percepção de decadência da religião na modernidade.

Múltiplos altares da modernidade foi o último livro escrito por Berger. Publicado originalmente em 2014, o “canto do cisne” do sociólogo apresentava

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorando pela *Italian Doctoral School of Religious Studies* da Università Degli Studi di Modena e Reggio Emilia (Itália). País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0001-6813-2024. E-mail: danielrochabh@gmail.com.

** Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de História das Américas e do PPGH da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-8240-4388. E-mail: alexandreacruzunifap@gmail.com.

um posicionamento mais nuançado e no qual sua experiência de décadas de pesquisas e reflexões sobre esse campo de estudo conduzia à cautela em relação a posicionamentos muito assertivos sobre o presente e o futuro da religião no mundo moderno. Nessa obra Berger diminui o tom de suas críticas à teoria da secularização ao concluir que, no mundo contemporâneo, “muitos crentes comuns [...] conseguem ser *tanto* seculares *quanto* religiosos” (Berger, 2017, p. 15) e mesmo pessoas extremamente religiosas utilizam “um discurso secular em áreas importantes de suas vidas. [...] Para a maioria dos crentes não há uma gritante dicotomia ou/ou entre crença e secularidade, mas antes uma construção fluida de tanto/quanto” (Berger, 2017, p. 12). Entretanto, a tese central defendida por Berger em sua fase tardia era a de que não seria a secularização, mas sim “o pluralismo, a coexistência de diferentes cosmovisões e sistemas de valores na mesma sociedade [...] a maior mudança provocada pela modernidade em relação ao lugar da religião, tanto nas mentes dos indivíduos quanto na ordem institucional” (Berger, 2017, p. 10).

No caso dos Estados Unidos, Berger os considerava um dos principais exemplos de um país religiosamente pluralista e no qual a dinâmica e a administração do pluralismo teriam obtido relativo sucesso. Ele argumentava que os valores inscritos na Primeira Emenda não só funcionariam como um conjunto de normas legais, mas também foram progressivamente internalizados pela população, promovendo uma progressiva aceitação coletiva da diferença. No entanto, embora seja possível concordar com a ideia de que os Estados Unidos estão se tornando cada vez menos uma nação protestante e cada vez mais uma nação religiosamente plural, é fundamental reconhecer que esse processo não ocorre sem resistências significativas e, em certos casos, tensões sociais.

Os Estados Unidos apresentam, desde o período colonial, um nível de diversidade religiosa consideravelmente maior do que outros países ocidentais. No contexto de uma Europa ainda fortemente influenciada pelo princípio de *Une Foi, Une Loi, Un Roi*, a experiência das treze colônias foi marcada pela presença de uma considerável diversidade de expressões de cristianismo, além do contato com as religiões dos povos nativos e dos africanos escravizados. Muitas vezes, especialmente no senso comum, a imagem dos colonos na América do Norte se

resume à dos puritanos (majoritariamente congregacionais) da Nova Inglaterra, deixando em segundo plano, por exemplo, a forte presença católica em Maryland, a chegada de judeus holandeses à Nova Amsterdam em Nova York e experiências de maior diversidade e tolerância religiosa como Rhode Island e Pensilvânia, além obviamente da diversidade religiosa indígena. Pesquisadores como Jon Butler (1990) têm criticado essa ênfase desproporcional dada ao puritanismo na história sobre religião nos Estados Unidos, negligenciando a complexidade, a diversidade e as especificidades regionais que, de fato, caracterizaram as treze colônias.

No contexto dos séculos XVII e XVIII, as colônias britânicas na América do Norte foram vistas como uma opção de esperança para vários grupos de dissidentes religiosos europeus. Assim, ao longo desse período, atravessaram o Atlântico vários grupos sectários surgidos no efervescente século XVII britânico, sendo o principal deles os quakers; alemães calvinistas do Palatinado; calvinistas da Igreja Reformada Holandesa; muitos batistas, inicialmente ingleses, mas depois também vieram suecos, letões etc.; presbiterianos irlandeses e escoceses; algumas comunidades anabatistas do continente, principalmente, menonitas; pietistas moravianos; vários grupos luteranos etc. Entretanto, para outros grupos não europeus e não protestantes, a vida na América setentrional estava longe de ser um oásis de liberdade religiosa. Para os escravos que eram trazidos da África, foi um período marcado pelo que Butler chamou de *african spiritual holocaust*, no qual houve uma disposição intencional, apoiada pelas lideranças eclesiásticas brancas, de se apagar todos os vestígios das tradições religiosas africanas dentre os escravizados. Os diferentes povos indígenas estabeleceram diferentes relações entre suas religiosidades e o cristianismo. Joel W. Martin e Mark A. Nicholas demonstraram na coletânea *Native Americans, Christianity, and the Reshaping of the American Religious Landscape* (2010) a variedade de formas de contatos religiosos, incluindo cristãos indígenas, não cristãos e mesmo ex-cristãos, explorando o intercâmbio religioso entre indígenas e europeus. Tais estudos revelaram como os povos indígenas negociaram mudanças no que diz respeito às missões, aos missionários e ao cristianismo.

Ainda em relação aos estudos sobre a religião nos Estados Unidos dos

séculos XVII e XVIII, é necessário que eles sejam pensados em uma perspectiva atlântica e não isoladamente do contexto religioso europeu. Essa abordagem é essencial para compreender como certos padrões do cristianismo europeu foram reproduzidos nas colônias americanas. Entre esses padrões destacam-se os conflitos entre igrejas estatais e grupos dissidentes, a persistência de práticas mágicas e ocultistas na religiosidade popular e, sobretudo, a disseminação de movimentos de avivamento religioso. A partir das primeiras décadas do século XVIII, “os dois lados do Atlântico testemunharam uma explosão de entusiasmo religioso, na qual pregadores itinerantes iam de um lugar para outro dando testemunho de suas experiências religiosas e encorajando trabalhadores, onde quer que estivessem, a se tornarem [...] ‘instrumentos de sua própria salvação’” (Linebaugh; Rediker, 2008, p. 204). Pregadores avivalistas como George Whitefield e Jonathan Edwards causaram grande impacto, ressaltando a ira vindoura de Deus contra os impenitentes e a necessidade de uma conversão pessoal e genuína para que as pessoas fossem salvas. Além disso, é no contexto dos avivamentos que diversos autores observam o surgimento de um incipiente sentimento de nacionalismo e crença no excepcionalismo norte-americano. Em Jonathan Edwards, podemos perceber a presença de uma esperança pós-milenarista do advento de um reino de Deus na terra que se iniciaria na “América avivada”: “considerando o atual estado de coisas [...] não é razoável que não entendamos que essa grande obra de Deus deve estar próxima de se realizar. E há muitas coisas que fazem crer que essa obra [a instauração do Milênio] será iniciada na América”.¹

O século dos avivamentos religiosos foi também o século que testemunhou o processo revolucionário que culminou na Independência dos Estados Unidos. Apesar da força do discurso religioso durante esse período, observou-se o início de um processo de secularização em determinados setores da vida nas ex-colônias inglesas na América. Áreas como o comércio, a guerra e, em certa medida, a política começaram a adquirir uma autonomia crescente em relação à influência religiosa. Além disso, o pensamento da maior parte dos “Pais Fundadores” era

¹ Tradução nossa. O mesmo ocorre em todas as citações diretas de textos em inglês. Essa passagem está presente no texto *Some thoughts concerning the present revival of religion in New England, and the way in which it ought to be acknowledged and promoted, humbly offered to the public, in a treatise on that subject* (1742) de Edwards. O conteúdo completo do texto pode ser encontrado em: <https://quod.lib.umich.edu/e/evans/No4004.0001.001?view=toc>. Acessado em 11 de novembro de 2024.

mais influenciado pela tradição iluminista do que pelo cristianismo. Embora os fundadores reconhecessem a importância do legado protestante para a luta pela liberdade – especialmente de pensamento –, havia a consciência de que protestantismo não era igual à liberdade. A jovem nação já havia vivenciado exemplos de “igrejas oficiais” em algumas das colônias – com o acesso ao serviço público sendo permitido apenas para os membros comungantes – e a negação de liberdade religiosa para dissidentes, inclusive com aplicação de pena capital para crimes de blasfêmia e heresia. Na Declaração de Independência, elementos considerados religiosos aparecem na menção aos direitos originários das “as leis da natureza e as do Deus da natureza”, ao “Juiz supremo do mundo” e aos pedidos de proteção à Divina Providência. Entretanto, podemos perceber um caráter muito mais secular do que, mesmo que implicitamente, religioso no documento. A Primeira Emenda de 1791 veio a confirmar valores em relação ao papel da religião na sociedade que já haviam sido anteriormente anunciados no *Estatuto da Virgínia para a Liberdade Religiosa* (1786) redigido por Thomas Jefferson, com a proibição do estabelecimento de uma religião de Estado e a garantia da liberdade de culto. Não se estabelecia uma rejeição ou hostilidade do Estado em relação à religião, mas como argumenta Pocock (2003, p. 416), em um texto no qual analisa e contextualiza o *Estatuto da Virgínia*, a principal afirmação desse documento seria “a indiferença política às crenças religiosas”.

Apesar de se estabelecer em bases legais que dispensavam a necessidade de fundamentos teológicos, a história religiosa dos Estados Unidos no período subsequente é uma história de ascensão e não de declínio do cristianismo. Pesquisadores destacam um contínuo processo de “cristianização do povo americano” (Butler) e de “democratização do cristianismo” (Hatch), mas “um cristianismo tão complexo e heterogêneo que desafia tanto os observadores quanto os próprios adeptos” (Butler, 1990, p. 2). Além disso, embora a legislação e o exaltado princípio da liberdade religiosa pudessem sugerir o contrário, na prática, “alguns estados reconheceram o cristianismo como a religião oficial – embora não a estabelecida. Os jurados tinham de crer em Deus; os professores, de ler a Bíblia e, em alguns estados, uma observância religiosa do ‘Dia do Senhor’ era uma obrigação legal” (Commager, 1969, p. 174). No século XIX, os Estados Unidos continuaram a ser profundamente influenciados pelos movimentos de

avivamento e pela força das diversas denominações protestantes, que desempenhavam um papel agregador significativo na sociedade. A partir da segunda metade do século, consolidou-se uma percepção amplamente difundida de que os Estados Unidos eram “uma nação protestante cristã singularmente favorecida por Deus, e que a manutenção das bênçãos divinas dependia da preservação dessa identidade protestante” (Cohen; Numbers, 2013, p. 4).

O século XIX foi um período de significativa diversificação e ampliação da pluralidade religiosa nos Estados Unidos. No âmbito do cristianismo, observou-se tanto o crescimento expressivo de algumas denominações, como batistas e metodistas, quanto o surgimento de novas tradições a partir de cismas internos nas igrejas protestantes. Além disso, foi nessa época que se consolidaram as primeiras igrejas cristãs afro-americanas, marcando um importante desenvolvimento no campo religioso. Paralelamente, o período foi caracterizado por uma intensa efervescência religiosa e espiritual que transcendeu o protestantismo. Cresceu o interesse por correntes como o espiritualismo, o esoterismo e o ocultismo, enquanto novas tradições religiosas emergiam nos Estados Unidos, incluindo os mórmons, os adventistas do sétimo dia e os testemunhas de Jeová.

Além disso, na virada do século XIX para o século XX nas grandes cidades norte-americanas, um novo ingrediente foi adicionado ao caldeirão das transformações: a chegada de enormes contingentes de imigrantes. Cidades como Nova Iorque e Chicago foram expostas muito rapidamente a uma diversidade e pluralidade nunca antes imaginadas. Mesmo com a força do protestantismo norte-americano ainda marcante, a enorme quantidade de estrangeiros não protestantes que chegava não permitia mais pensar os Estados Unidos como uma “nação protestante”. Na percepção de vários protestantes a grande “ameaça” eram os católicos, principalmente italianos e irlandeses. Para se ter noção desse crescimento, Marsden (1991, p. 14) afirma que, se entre 1860 e 1900 o número de membros das principais denominações protestantes cresceu de, aproximadamente, 5 milhões para 16 milhões de membros, o número de católicos quadruplicou com a chegada dos imigrantes: de 3 para 12 milhões. As metrópoles, portanto, estavam repletas de pessoas que não falavam inglês, não eram afeitas à

leitura da Bíblia, não tinham o costume de “guardar o domingo”, algumas bebiam em excesso, várias gostavam de dançar e da “vida noturna” etc. A própria identificação de valores como democracia, liberdade e igualdade com o protestantismo foi abalada. Tais valores precisavam ser sustentados não mais em um ambiente de brancos, anglo-saxões e protestantes, mas sim em um contexto cada vez mais plural. Reações ocorreram. A “terra da liberdade” passou a conviver com a presença cada vez mais constante de discursos anticatólicos, antijudeus e antiestrangeiros em geral. Muitos viam nos imigrantes uma ameaça à civilização e à herança dos “Pais Peregrinos”.

Ao longo do século XX, o campo religioso nos Estados Unidos experimentou algumas importantes transformações, como o surgimento das igrejas pentecostais, os conflitos internos em várias denominações protestantes entre tendências liberais e fundamentalistas e a ascensão de pregadores midiáticos que atraíam grandes multidões. Esses líderes, como Billy Graham, não apenas marcavam presença em eventos presenciais, mas ampliavam seu alcance por meio do rádio e, posteriormente, da televisão. Apesar dessas mudanças, essas dinâmicas não resultaram em uma diversificação significativa das tradições religiosas no país para além do cristianismo. Cohen e Numbers (2013, p. 8) identificam o ano de 1965 como um marco importante para o início de uma nova fase de pluralidade religiosa nos Estados Unidos. Com a entrada em vigor da nova legislação sobre imigração, durante o governo de Lyndon Johnson, “milhões de imigrantes de todas as regiões do mundo, e não apenas da Europa, começaram a chegar ao país. Entre 1966 e 2000, 22,8 milhões de imigrantes legais chegaram”. Esses novos fluxos migratórios trouxeram consigo uma rica diversidade de tradições religiosas, consolidando a presença de religiões oriundas do Oriente, como o islamismo, o budismo e o hinduísmo. O próprio cristianismo também é impactado por essas imigrações com a chegada de milhões de evangélicos e católicos vindos do “sul global” e fortalecendo um processo de “de-Europeanization of American Christianity” (Cohen; Numbers, 2013, p. 8).

Feita essa breve panorâmica sobre a história do campo religioso nos Estados Unidos, retornemos a Peter Berger e ao contexto recente das religiões no país e das relações destas com a sociedade norte-americana. Podemos dizer que

as questões em torno de uma sociedade religiosamente pluralista estão diretamente ligadas à defesa de valores e políticas que unem e/ou dividem o país. De um lado os Estados Unidos seriam a nação da diversidade e da liberdade religiosa, na qual as mais diferentes expressões religiosas coexistem em paz, sendo tal liberdade um componente essencial da identidade nacional. Por outro lado, persiste entre diversos setores da sociedade norte-americana o ideal do Estados Unidos como uma “nação cristã”, fundada em valores baseados em suas raízes brancas, protestantes e anglo-saxãs.

A tensão entre esses dois polos ocorre em um contexto, como vimos, de crescente diversidade religiosa e mesmo do aumento de setores da população abertamente não-religiosos (os chamados *nones*), formados por ateus, agnósticos e pessoas sem vínculo com comunidades religiosas. Aqui concordamos com a observação de Yang (2017) em relação à noção de pluralismo de Berger. Em *Múltiplos altares da modernidade*, o pluralismo é definido como “uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente” (Berger, 2017, p. 20). Essa visão de pluralismo de Berger possui um caráter normativo, uma situação ideal de coexistência harmoniosa entre diferentes tradições religiosas em um mesmo contexto. Mas, muitas vezes, vemos na obra de Berger uma certa confusão entre as noções de pluralismo e de pluralidade, que seria a existência de tradições religiosas diversas em um mesmo território empiricamente observável.

Berger apontava a necessidade de se “definir fórmulas para uma coexistência pacífica entre diferentes tradições e instituições religiosas no interior de uma sociedade” (2017, p. 158). Este desafio está colocado perante o espaço público norte-americano. Embora a pluralidade religiosa seja uma característica constante da história dos Estados Unidos, a consagração do pluralismo como um valor positivo e a esperança de Berger em uma tolerância religiosa internalizada ainda são uma realidade distante. O contexto atual, marcado pelas *culture wars*, pela proliferação de discursos de intolerância em relação a grupos minoritários e imigrantes, e pela promessa de tornar a “América Cristã” “grande novamente”, apresenta diversas barreiras para a concretização desse ideal.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BUTLER, Jon. **Awash in a sea of faith**: christianizing the American people. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

COHEN, Charles L; NUMBERS, Ronald L. (Eds). **Gods in America**: religious pluralism in the United States. New York: Oxford University Press, 2013.

COMMAGER, Henry Steele. **O espírito norte-americano**: uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880. São Paulo: Cultrix, 1969.

HATCH, Nathan O. **The democratization of American Christianity**. New Haven and London: Yale University Press, 1989.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças**: marinheiros, escravos, plebeus e a história do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARSDEN, George M. **Understanding fundamentalism and evangelicalism**. Grand Rapids: WM. B. Eerdmans, 1991.

MARSDEN, George M. **Religion and American culture**. 2^a ed. Orlando: Harcourt College Publishers, 2001.

MARTIN, Joel W. NICHOLAS, Mark A. **Native Americans, Christianity, and the Reshaping of the American Religious Landscape**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. Sérgio Miceli (Org.). São Paulo: Edusp, 2003.

YANG, Fenggang. Secularização por agenciamento e experiências chinesas nas modernidades múltiplas. In. BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.